

ATLAS ETNOLINGUÍSTICO DO ACRE: UMA CONTRIBUIÇÃO À DIALECTOLOGIA BRASILEIRA

LUÍSA GALVÃO LESSA
(PROFESSORA VISITANTE NACIONAL SÊNIOR – CAPES/UFAC)

1 - INTRODUÇÃO

O artigo “ATLAS ETNOLINGUÍSTICO DO ACRE: UMA CONTRIBUIÇÃO À DIALECTOLOGIA BRASILEIRA” apresenta estudo sobre a língua portuguesa falada no Acre, com o objetivo de noticiar resultados de estudos regionais. Esses resultados estão representados em mapas, gráficos e tabelas, para que esse registro perenize a vida e a linguagem regional como se faz na elaboração das Cartas Léxicas do ALAC, tarefa do primeiro Volume do Atlas Etnolingüístico do Acre, em fase de publicação.

É fato que desde Nascentes tem surgido no país uma onda de estudos dialetais e Sociolingüísticos, com a publicação de alguns Atlas Regionais e do Projeto do Atlas Lingüísticos do Brasil – AliB, cujos resultados refletem, com fidedignidade, a grande colcha de retalhos que é o Português do Brasil.

Assim, ao se estudar a linguagem falada no Acre, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos, e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados, pois, no dizer de BARBOSA (1981, p.158): “Língua, sociedade e cultura são indissociáveis, interagem continuamente, constituem, na verdade, um único processo complexo.”

No caso específico do léxico, esta afirmação é ainda mais verdadeira, pois toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico. Ainda segundo BARBOSA (1993, p.1): “o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores.”

Para se aprender, compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sociolingüístico-cultural, caso específico do estudo do Atlas Etnolingüístico do Acre – ALAC, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contextos, como se faz aqui.

A Dialectologia Social apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Dois aspectos fundamentais estão, pois, na sua gênese: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações lingüísticas documentadas ou entre elas e a ausência

de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades pré-fixados.

A Dialectologia Social é, pois, ciência que pressupõe a recolha de dados da oralidade e o seu consequente registro em mapas espaciais de formas fônicas, fonéticas e lexicais, como forma de resguardar para as futuras gerações dados linguísticos fadados ao desaparecimento, por força das ações niveladoras do denominado “progresso”. O estudo em questão documenta o estado atual de uma língua portuguesa amazônica, para que as características de hoje sejam conhecidas no amanhã, com as peculiaridades de cada Área e Zona de Pesquisa.

Mattoso (1979, p. 94-95) define a Dialectologia como “*o estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços linguísticos dos dialetos*”. Apresenta duas técnicas para o desenvolvimento da Dialectologia: a da *Geografia Linguística* que busca a distribuição geográfica de cada traço linguístico dialetal, consolidados nos ATLAS LINGUÍSTICOS, e a da “*descrição dos falares por meio de monografias dedicadas a uma dada região*” compondo gramáticas e glossários regionais.

A Dialectologia estuda, pois, as variações linguísticas delimitadas no espaço geográfico e nos agrupamentos sociais dos diferentes sistemas linguísticos ou dialetos que caracterizam as diversificações de uma língua, restritas ao espaço geográfico que ocupa. Seu campo de estudos é, consequentemente, os falares regionais com suas delimitações geográficas, caracterizadas por diferenças próprias na fonética, no léxico, na gramática.

Eugênio Coseriu (1987) considera o método da Geografia Linguística o mais eficaz na recolha de traços dialetais, ao tempo em que comenta sobre os grandes feitos na área, lembrando que há muito ainda a ser feito, pelo fato de a língua ser dinâmica e mudar com o homem e o lugar.

Herculano de Carvalho (1973) enfatiza a importância do estudo da ciência da linguagem, não somente no que se designa *linguagem comum* senão também *linguagens especiais*, como mecanismos de compreensão do ser humano inserido no meio físico social.

Segunda afiança Louis Hjelmslev (1989), é por meio da língua que a humanidade expressa suas ideias, as de sua geração, as ideias da comunidade a que pertence, as ideias de seu tempo. A todo instante utiliza a linguagem de acordo com a tradição que lhe foi transmitida e, assim, contribuindo para a sua conservação ou inovação. Cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas decorrentes das situações e circunstâncias com que se depara na vida. Nesse sentido, pode-se afirmar que, na língua, se projeta a cultura de um povo, compreendendo cultura “*como o conjunto de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores espirituais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade*”, como diz Mattoso Câmara Jr (1987, p.41)

No Brasil, os estudos dialetais possuem uma tradição nascida com Amadeu Amaral, em 1920, hoje espelhada na publicação de alguns atlas regionais e no andamento de tantos outros. Essa tradição criou possibilidades favoráveis à feita

do Atlas Linguístico do Brasil, ALIB, e fortalece projetos como o que aqui se está executando, solitariamente, ao longo de dezoito anos.

2 – OBJETIVOS

Geral:

- ✓ Contribuir com a feitura do Atlas Etnolinguístico do Acre - ALAC e com um maior conhecimento da língua Portuguesa falada no Norte do Brasil.

Específicos:

- ✓ Exercitar conhecimentos no domínio da Dialectologia Social, Geolinguística, Cartografia, Engenharia e Informática, aplicando-os no estudo da linguagem regional, na feitura de Cartas Léxicas;
- ✓ Verificar os traços de unidade e de diversidade dialetal nas Zonas de Pesquisa do Projeto ALAC, identificando e demarcando isoglossas, isoléxicas e isófonas, por meio dos traços dialetais da comunidade;
- ✓ Elaborar cartas léxicas, mapas, tabelas dialetais, trabalhando com informações colhidas no banco de dados magnetofônico do Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC.

3 - METODOLOGIA

Na feitura do trabalho, seguiram-se as trilhas da Dialectologia Social, a exemplo dos estudos dialetais realizados até então no Brasil. Para a elaboração do artigo, trabalhou-se com dados colhidos no *corpus* do Projeto ALAC, dados transcritos, digitados e trabalhados por meio de programas de informática e cartografia, harmonizados com os métodos da Geolinguística na elaboração de mapas, cartas, tabelas, gráficos, refletindo as fronteiras dialetais no Acre.

Trabalhou-se, aqui, com 32 inquéritos, na forma documentador x informante. Os resultados estão sendo disponibilizados em mapas padronizados, num total de 188 cartas, das quais aqui se apresenta uma amostragem de como são confeccionadas. Os inquéritos trabalhados recobrem as três grandes Zonas de Pesquisa, as nove Zonas e os dezoito pontos de inquérito. As áreas são; Vale do Acre, vale do Juruá, Vale do Purus. As áreas são: Rio Branco, Xapuri, Plácido de Castro; Manuel Urbano, Sena Madureira, Assis Brasil; Cruzeiro do Sul, Tarauacá, Feijó. Os informantes estão nas três faixas etárias (16-25 anos), B (26-35 anos), C (36-80 anos) eleitas para aplicação dos questionários Fonético/Fonológico e Semântico/Lexical.

Esses dados analisados foram dispostos em tabelas para identificar a variação diatópica e estabelecer fronteiras dialetais. Essa listagem de palavras nasceu a partir dos campos semânticos dos questionários. Depois, de posse desse levantamento,

passou-se a confecção das Cartas Léxicas, seguindo um software da Cartografia denominado ArcGIS, utilizado pelo ALIB. É um programa de Geoprocessamento que abarca, em sua lógica, princípios computacionais, matemáticos e geográficos, no objetivo de propiciar a análise, o manuseio e a geração de projetos na Área da Cartografia, entre outras finalidades. O termo Geoprocessamento é aqui utilizado como sendo um campo de atuação dentro da Geografia, que relaciona software (programa), hardware (aparatos físicos computacionais) e peopleware (profissionais capacitados para o exercício da função) no objetivo de aprimorar a Cartografia, como um todo, e atender ao advento do Sensoriamento Remoto (campo de estudo responsável pelo imageamento de satélite e sua consequente utilização dos produtos aí gerados).

Esse conjunto de mapas, cartas, tabelas, gráficos, ensaja a investigação para as mais variadas ciências que tenham como objeto de indagação o ser humano, pois a linguagem é um motor que move o homem no curso da vida, fotografando-o em todos os momentos. Por isso, descrever a linguagem de determinada comunidade, no caso particular descrever a oralidade dos falantes do Acre é assegurar, à posteridade, dados que se poderiam perder no tempo, à medida que a comunidade muda de hábitos e entra em contato com novas culturas. É, ainda, assegurar ao futuro a história da vida atual, registrada em documentos escritos, para que se possa estudá-la depois.

4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

A tarefa de confecção das cartas, com as variáveis linguísticas e extralinguísticas, demonstra resultados satisfatórios na demarcação das fronteiras dialetais do Acre. É possível, tomando por base a leitura dos mapas, observar o comportamento linguístico dos informantes acrianos, dentro das Áreas e Zonas de Pesquisa, como, por exemplo, as lexias *balde*, *borracha*, *cernambi*, *colocação*, *estrada* e *garapé*, dentre tantas outras que indicam a unidade linguística na Área de Pesquisa.

Na leitura dos mapas, observaram-se traços de diversidade: *bóia*, *buião de defumá*, *Caboquim da Mata*, *cabra*, *combói*, *engenhoca*, *estrepada*, *faca de baiNa*, *jacuba*, *macaxêra*, *mandioca*, *Pai da Mata*, *pé de burro*, *roldo*, *trepessa*, dentre outros. Verificam-se, ainda, traços inovadores: *caba*, *camarada*, *cara*, *madame* e *rapaiz*, *quina-quina*. Como conservação linguística, registram-se as lexias: *cabrita*, *camim*, *comida*, *escada*, *faca de seringa*, *lamparina*, *leite*, *macaxêra*, *poronga*, *rancho*, *marretêro*, *teçado*.

A tarefa que aqui se faz – concepção de um padrão próprio para o ALAC e feitura das Cartas Léxicas – objetiva facilitar, no futuro, a leitura das análises e dos resultados encontrados, até então, no estudo da linguagem acreana. Esses resultados estão expressos, cartograficamente, em mapas, e traduzem a linguagem e a vida das pessoas da comunidade do Vale do Juruá, vale do Acre, Vale do Purus e as respectivas Zonas De Pesquisa e Pontos de Inquérito.

4.1 - TABELAS E GRÁFICOS COMPARATIVOS DAS CLASSES DE PALAVRAS POR ÁREAS DE PESQUISA

SUBSTANTIVOS – SEXO MASCULINO

VALE DO ACRE	VALE DO JURUÁ	VALE DO PURUS
Agricultura	Agricultura	Agricultura
Balde	Balde	Balde/Baldo
Bandeira	Bandêra	Bandêra
Bóia	Rancho	Comida
Borracha	Borracha	Borracha
Caba	Camarada	Seringuêro
Caboquim da Mata	Caboco	Caboquim da mata
Cabrita	Faca de seringa	Faca
Caça	Embiara	Rancho
Impaludismo	Cesão	Febre
Camim	Estrada de Seringa	Estrada
Canoa	Pela	Pela
Mutá	Trepessa	Trapessa/Jirau
DiNero	DiNero	Saldo
Cevado	EngeNoca	Máquina de Cevá
Espigão	Camim de estrada	Ramal
Comida	Jacuba	Bóia
Pai da Mata	Pai da Mata	Chefe da mata
Fornaia	Buião	Bulhão
Espigão	Estirão	Camim
Garapé	Garapé	Garapé
Lonjura	Distança	Distança
Estrepada	Furada	Espim
Trapiche	Jirau	Espigão
Fornáia	Buião	Fornaia
Pexêra	Faca	Faca de baiNa
Lamparina	Poronga	Facho
Leite	Lête	Produto
Macaxera	Mandioca	Macaxêra
Mãe da Mata	Mãe da Mata	Mãe da Mata
Pai da Mata	Pai da Mata	Pai da Mata
Paia	Paia	Paia de Jarina
Marretêro	Regatão	Regatão
CompaNera	Parecera	Muié
Paio	Paio	Paio
Paxiúba	Paxiúba	Paxiúba
Pé de Burro	Degrau	Dregau

Poronga	Poronga	Lamparina
Querosene	Queroseno	Combustível
Quabranto	Quebrante	Quebrante
Balde	Baldo	Balde
Rapaiz	Rapaize	Rapaize
Seringal	Seringal	Seringal
Teçado	Facão	Teçado
Volta	Rodo	Rodo da estrada
Príncipe	Príncipe	Príncipe
Tauba	Tauba de bolá	Tauba do defimadô
Defumado	Defumado	Defumadô
Boca da Estrada	Boca	Boca
Patrão	Patrão	Dono do Seringal
Muiá	Patroa	CumpaNera
Fornaia	Fornaia	Fornaia
Neblina	Cerração	Sereno/Nevoeiro
53	53	53

ADJETIVOS – SEXO MASCULINO

VALE DO ACRE	VALE DO JURUÁ	VALE DO PURUS
Aperriado	Avechado	Atarentado
Barato	Barato	Baratim
Caro	Custoso	Custoso
Difiço	Difícultoso	Difiço
Corajoso	Destemido	Valente/Brabo
Esgangotado	Mole	Enxambrado
Mentiroso	Lero-Lero	Farofeiro
Medroso	Frouxo	Cagão
Cansado	Enfadado	Quebrado
Alto	Varapau	Varapau
Gordo	Roliço	Bolão
Mudado	Diferente	Estranho
Perigoso	Perigoso	Perigoso
Ruim	Mal	Malvado
Zanolho	Vesgo	Ovirado
Panemado	Panemado	Panemado
16	16	16

ADVÉRBIOS TERMINADOS EM –MENTE/ SEXO MASCULINO

VALE DO ACRE	VALE DO JURUÁ	VALE DO PURUS
Antigamente	Antigamente	Antigamente
Diariamente	Diariamente	Diariamente
Difícilmente	Difícilmente	Difícilmente
Diretamente	Diretamente	Diretamente
Exatamente	Exatamente	Exatamente
Geralmente	Geralmente	Geralmente
Justamente	Justamente	Justamente
Novamente	Novamente	Novamente
Primêramente	Primêramente	Primêramente
Braçalmente	Braçalmente	Braçalmente
Comumente	Comumente	Comumente
Exatamente	Exatamente	Exatamente
Eternamente	Eternamente	Eternamente
Somente	Somente	Somente
Propriamente	Propriamente	Propriamente
Principalmente	Principalmente	Principalmente
Hoje	Hoje	Hoje
17	17	17

ADVÉRBIOS TERMINADOS EM –MENTE/ SEXO FEMININO

VALE DO ACRE	VALE DO JURUÁ	VALE DO PURUS
Antigamente	Antigamente	Antigamente
Justamente	Justamente	Justamente
Primêramente	Primêramente	Primêramente
Justamente	Justamente	Justamente
Somente	Somente	Somente
Simplesmente	Simplesmente	Simplesmente
6	6	6

VERBOS – SEXO MASCULINO

VALE DO ACRE	VALE DO JURUÁ	VALE DO PURUS
Bolá	Bolá	Bolá
Brocá	Brocá	Brocá
Caçá	Caçá	Caçá
Colhê	Colhê	Colhê

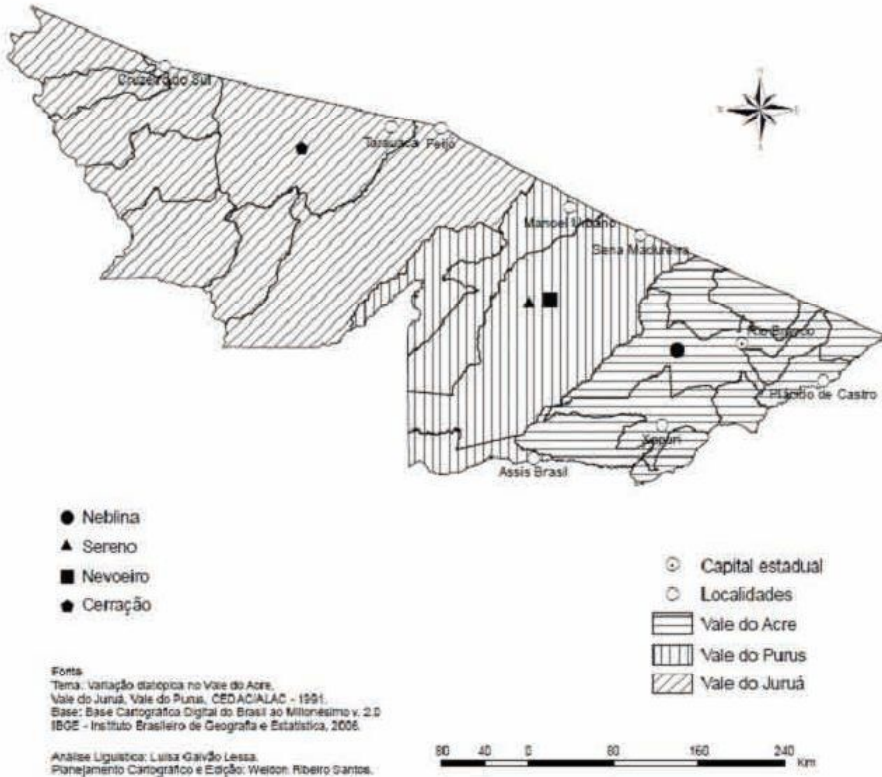
Comê	Comê	Comê
Cortá	Cortá	Cortá
Defumá	Defumá	Defumá
Embuti	Embuti	Embuti
Entaniçá	Entaniçá	Entaniçá
Entigelá	Entigelá	Entigelá
Estudá	Estudá	Estudá
Limpá	Limpá	Limpá
Mariscá	Mariscá	Mariscá
Namorá	Namorá	Namorá
Pinicá	Pinicá	Pinicá
Prantá	Prantá	Prantá
Qualhá	Qualhá	Qualhá
Raspá	Raspá	Raspá
Rezá	Rezá	Rezá
Roçá	Roçá	Roçá
Vendê	Vendê	Vendê
Namorá	Namorá	Namorá
Raspá	Raspá	Raspá
Qualhá	Qualhá	Qualhá
Riscá	Riscá	Riscá
Roçá	Roçá	Roçá
Encauchá	Encauchá	Encauchá
Merendá	Merendá	Merendá
Sangrá	Sangrá	Sangrá
Riscá	Riscá	Riscá
Empicá	Empicá	Empicá
Vendê	Vendê	Vendê
Dançá	Dançá	Dançá
33	33	33

VERBOS – SEXO FEMININO

VALE DO ACRE	VALE DO JURUÁ	VALE DO PURUS
arriá o leite	arriá o leite	arriá o leite
Bolá	Bolá	Bolá
Brocá	Brocá	Brocá
Caçá	Caçá	Caçá
Capiná	Capiná	Capiná
Colhê	Colhê	Colhê
Comê	Comê	Comê
Cortá	Cortá	Cortá
Defumá	Defumá	Defumá

Embuti	Embuti	Embuti
Estudá	Estudá	Estudá
Limpá	Limpá	Limpá
Mariscá	Mariscá	Mariscá
Namorá	Namorá	Namorá
Pescá	Pescá	Pescá
Prantá	Prantá	Prantá
Qualhá	Qualhá	Qualhá
Raspá	Raspá	Raspá
Rezá	Rezá	Rezá
Roçá	Roçá	Roçá
Vendê	Vendê	Vendê
Dançá	Dançá	Dançá
Comprá	Comprá	Comprá
Jantá	Jantá	Jantá
Penteá	Penteá	Penteá
Pescá	Pescá	Pescá
Mariscá	Mariscá	Mariscá
Cozinhá	Cozinhá	Cozinhá
Barre	Barre	Barre
Lavá	Lavá	Lavá
Cozinhá	Cozinhá	Cozinhá
Limpá	Limpá	Limpá
Escamá	Escamá	Escamá
Ticá	Ticá	Ticá
Guardá	Guardá	Guardá
35	35	35

Carta 3 - Chuva fina



4 – CONCLUSÃO

Compreende-se que as ciências se interligam, se cruzam, se auxiliam, ainda aquelas que se julgam distantes. Por isso foi possível, aliar, com êxito, os conhecimentos da Cartografia, Informática, Dialectologia, na elaboração de tabelas, mapas e cartas dialetais do Estado do Acre.

Em ciência, os conhecimentos não são fechados como podem parecer à primeira vista, eles se abrem, se ligam tanto na pesquisa de campo como nas teorias que afloram na leitura de aspectos da vida, caso especial da vida da linguagem regional, como fica evidenciado no presente estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSERIU, Eugênio. *O Homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença, 1988.
- CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 4.^a ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.
- FERREIRA, Carlota da Silveira et alii. *Atlas lingüísticos de Sergipe*. Salvador: UFBA/FUNDESC, 1987.
- FERREIRA, Carlota et alii. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA, Instituto de Letras, Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- LESSA, Luíza Galvão. *Termos e expressões populares do Acre*. Niterói: Diss. Mestrado, UFF, 1985.
- _____. *A linguagem falada no Vale do Acre – materiais para estudo*. Coleção CEDAC, UERJ, Rio de Janeiro, 2003.
- _____. *A linguagem falada no Vale do Juruá - materiais para estudo*. Coleção CEDAC, UERJ, Rio de Janeiro, 2003.
- _____. *A linguagem falada no Vale do Purus – materiais para estudo*. Coleção CEDAC, UERJ, Rio de Janeiro, 2003.
- _____. *Contribuição para os estudos da dialectologia acriana*. Coleção CEDAC, UERJ, 2003.
- _____. *Glossário do Vale do Acre: látex e agricultura de subsistência*. Tese de doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.
- _____. *O Atlas etnolingüístico do Acre*. Comunicação apresentada no IV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. UERJ, Rio de Janeiro, 2000.
- _____. *Aspectos do Atlas Etnolingüístico do Acre*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Nova Fase, N.º VIII – 2011.